



UMA VIAGEM PELA TERRA DA LEITURA

Erdenia Alves Santos ¹
Edivânia Ferreira Agostinho ²
Siony Rocha de Sousa ³

RESUMO

Embasando-se em autores como BAMBERGER (1986), COLOMER (2003), (2007), COSSON (2012) (2014), MANGUEL (1997), PINHEIRO (2007), SILVA (2005,) dentre outros, este trabalho abre uma discussão sobre a importância da leitura em sala de aula, como ela pode ser um elo para a tomada de consciência e como sua ausência pode causar consequências para o indivíduo não só no seu desempenho linguístico, mas na sua própria interação com o meio e em seu processo de construção de identidade. Propõe, ainda, uma avaliação de como a prática de leitura em sala de aula contribui para a formação de bons leitores, prática esta que não deve se restringir apenas à leitura dos textos disponíveis no livro didático, adaptados e/ou fragmentados, ou àquelas literaturas disponibilizadas e cobradas pelo currículo escolar, mas deve expandir-se à leitura de textos literários na íntegra, como os da literatura infanto-juvenil e de outros livros que agradem o público em questão, proporcionando aos alunos a possibilidade de ver a leitura de forma descontraída e lúdica, despertando seu fascínio pela mesma. Este trabalho procura, ainda, evidenciar a importância do papel do professor como sendo fundamental nesse processo de mediação, já que o mesmo ajudará a construir a ponte entre aluno e leitura, tornando esse capaz de entender o poder que esta tem de fazer sonhar, enxergar, entender e refletir sobre o mundo, de permitir conhecer outros mundos, a capacidade que a leitura tem de fazer com que conheçamos a nós mesmos e de nos ensinar a viver.

Palavras-chave: Leitura, Professor, Aluno, Ensino.

INTRODUÇÃO

A literatura deve ser acessível a todos, seja jovem ou adulto, pois, assim como a cultura de um povo, ela deve ser difundida para se tornar objeto de apreciação e assimilação espontânea de conhecimento. E se esse acesso for proporcionado desde cedo, mais cedo também a leitura adquirirá a devida importância na vida do indivíduo. A literatura é a própria vida do ser retratada em suas mais diversas faces, é o retrato envolvente da vida real, é a redescoberta de várias outras civilizações, de seus costumes, de suas excentricidades, por meio de personagens cativantes, façam eles parte ou não do nosso mundo. E por que não falar de mundos? No plural,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, professora da Educação Básica (SEDUC - CE), erdenialves@gmail.com;

² Mestre em Ensino de História pela Universidade Regional do Cariri - URCA, professora da Educação Básica (SEDUC - CE), edivaniafagostinho@gmail.com;

³ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, professora da Educação Básica (SEDUC - CE), sionyrocha.edf@gmail.com;



sim, mundos (re)criados, (re)descobertos, (com)partilhados que podem não apenas ser um mecanismo de entretenimento, mas uma ponte que levará o leitor a uma incrível viagem pela terra da leitura, permitindo-lhe desenvolver a capacidade de refletir e pensar criticamente.

Os reflexos que a leitura proporciona são uma extensão do próprio ser humano, desse ser mosaico de outros seres, seres encontrados nas diversas leituras que fazemos ao longo da vida, pois a leitura é o mais completo exercício deste corpo que transborda linguagem.

[...] o nosso corpo funciona de uma maneira especial. Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E constituímos o mundo basicamente por meio de palavras. No princípio e sempre é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem. Como bem diz o pensamento popular, se uma imagem vale por mil palavras, mesmo assim é preciso usar a língua para traduzir as imagens e afirmar esse valor. É por isso também que as usamos para dizer que não temos palavras para expressar um pensamento ou um sentimento. Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo. (COSSON, 2012, p. 16 – 17)

A leitura literária é, portanto, essencial ao ser humano, é uma necessidade porque nos ajuda a construir nossa identidade, nos ensina a viver, nos diverte e faz sonhar, provoca nossa reflexão, denuncia a realidade, reflete o mundo e nos reflete, nos questiona, nos dá respostas, nos lê. E nós refletimos isso, nas palavras que usamos, nos gestos, nas atitudes, no próprio corpo. Por isso, esse trabalho – *Uma viagem pela terra da leitura*, procura evidenciar a necessidade do acesso à leitura literária para que o aluno encontre o prazer de ler, isto através de uma leitura que dialogue com o seu universo, que reflita suas dúvidas, ânsias, problemas de aceitação, suas vivências.

A leitura literária é o elo entre as várias modalidades de literatura e o ensino desta. Sendo assim, é possível afirmar que este trabalho pretende analisar, ainda, a maneira como professores e obras comungam para criar uma atmosfera de leitura atraente, agradável e envolvente, despertando no aluno o interesse em desfrutar o que a vida literária lhe oferece, bem como apresentará meios para que a promoção da leitura dê-se de forma lúdica e prazerosa.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, *apud* COSSON 2012, p.15)



No entanto, mesmo a leitura detendo toda essa relevância histórica e cultural, ela não ocupa mais esse patamar na vida das pessoas. Os adultos não leem com a mesma frequência, e até mesmo os professores estão se distanciando dessa leitura literária, refletindo essa postura para os alunos que acabam se distanciando ainda mais do mundo da leitura, tornando-se sujeitos não-leitores, castrando qualquer possibilidade de eles criarem laços afetivos e efetivos com a leitura. É necessário que o aluno construa expectativas positivas em relação a esse novo universo, pois, a partir do momento que ele se permite conquistar pelos diversos mundos literários, ele vai poder caminhar por eles de forma independente, sem o auxílio de um professor muleta. Essa autonomia, por consequência, irá levá-lo a desenvolver suas habilidades linguísticas, a atribuir novos sentidos aos textos e a própria realidade, bem como tornar-se, ainda, um agente propagador da leitura. Por isso, faz-se tão relevante a necessidade de discutir, no âmbito escolar, acerca da urgência de nos tornarmos professores-leitores, amantes dos livros, porque seremos, nós, os mediadores da leitura em sala de aula.

METODOLOGIA

Visando a necessidade de levar a leitura literária aos alunos, aqui alunos de 1º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, este trabalho consiste, primeiramente, em uma relevante pesquisa e leitura bibliográfica de autores como: BAMBERGER (1986), CALVINO (2007), COLOMER (2003), (2007), COSSON (2012) (2014), MORAIS (1996), MANGUEL (1997), MAIA (2007), MARTINS (2000), PINHEIRO (2001), (2007), SILVA (2005).

Em segundo lugar, fundamenta-se em enquetes sobre o perfil do leitor atual realizadas com esses alunos, suas preferências literárias, onde leem, quanto tempo disponibilizam para isso, o que buscam em um livro, quem são seus autores favoritos, suas obras preferidas, livros que já leram, para que assim possamos conhecer melhor o perfil desse leitor contemporâneo que, ao contrário do que muitos professores afirmam, leem e leem muito, apesar de não ser a leitura exigida pelo currículo escolar.

E, por último, embasa-se no desenvolvimento e análise de oficinas de leitura que consistiram em possibilitar a aproximação dos alunos com o universo literário de obras que dialogassem com sua realidade. Assim sendo, foram desenvolvidas estratégias para socializar a leituras das obras, tanto pelos alunos como por professores de outras áreas que se dispuseram a participar das oficinas dando a estas um caráter interdisciplinar, fato interessante que



possibilitou o estímulo para que dessem continuidade às leituras, contribuindo, ainda, para romper a ideia de que só se lê nas aulas de português.

Procurou-se, também, fugir do estreito espaço da sala de aula, nas rodas de leitura ia-se para a área verde da escola – um espaço ao ar livre em meio a árvores onde se sentiam à vontade para conversar sobre as obras -, para a biblioteca, para o refeitório nos Chás literários para que os momentos acontecessem da maneira mais leve e descontraída possível.

REFERENCIAL TEÓRICO

Muito se discute sobre a importância da leitura para a humanidade, como ela pode ser um elo para a tomada de consciência e como sua ausência pode causar consequências para o indivíduo não só no seu desempenho linguístico, mas na sua própria interação com o meio e em seu processo de construção de identidade.

Ao longo dos anos, os estudos sobre leitura tornaram-se mais aprofundados, adquiriram novas perspectivas e novos significados foram-lhe sendo atribuído. Uma expansão de sentido que, como afirma COSSON,

Deve-se ao interesse que a mesma desperta em diversas outras áreas: história da leitura, sociologia da leitura, antropologia da leitura, psicologia da leitura, além das outras áreas que se ocupavam do tema, como a pedagogia, a linguística e os estudos da literatura e da linguagem em geral. (COSSON, 2012, p.38)

Pode-se ressaltar ainda o fato de a leitura ter se tornado uma exigência das disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas na área, da mesma forma que promoveu o incentivo da leitura dentro e fora do âmbito escolar, da acadêmica à literária.

A leitura, esse exercício tão necessário à construção do indivíduo, existe desde “o momento que o primeiro escriba arranhou e murmurou as primeiras letras, e que o corpo humano já era capaz de executar os atos de escrever e ler que ainda estavam no futuro” (MANGUEL, 1997, p.50), contudo, só recentemente ampliaram-se os horizontes conceituais que dizem respeito a ela. Hoje, tão importante quanto ler é saber e reconhecer a importância do ato de ler “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 2001, p. 19)



A leitura da palavra e a leitura de mundo se completam numa espiral contínua que permite ao indivíduo compreender um texto através de sua relação com o contexto e vice-versa, proporcionando a construção da criticidade e um melhor entendimento da realidade. Isso porque, segundo BAMBERGER (1986, p. 9-10), “ler significa igualmente adquirir o direito de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender a progredir [...], pois é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.”

Pode-se constatar que, para esses autores, a leitura não é um simples ato de decodificação de signos linguísticos, ela é essencial à formação do indivíduo, à construção de sua identidade, porque contribui de forma significativa para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e de percepção de mundo, assumindo assim um importante papel histórico e social.

Assim também pensa SILVA (2005, p. 42-43), quando afirma que “a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano.”, isso porque a leitura é capaz de propagar a história da humanidade guardada pela escrita. Negar o direito à leitura é negar ao homem sua própria história, pois, como continua SILVA,

Ela é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, [...], possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.”. (SILVA, 2005, p. 42-43)

Desta forma, pode-se afirmar que a leitura não proporciona apenas o acesso à informação, à cultura, ela permite um maior engajamento social do indivíduo, dando-lhe oportunidade de transformar as relações humanas, porque ler também é “produzir sentidos por meio de um diálogo, [...], é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa que se faz com a experiência dos outros, é criar vínculos, estabelecer laços entre leitor e o mundo e os outros leitores.” (COSSON, 2014, p. 35-36)

Só a leitura é capaz de fazer perceber o outro, mesmo o outro estando tão distante, só ela faz perceber e descobrir quando não se achava ou não se era capaz disso. E não é só por seu valor imensurável na sociedade, não é por que, por ela, pode-se expandir o seu campo de conhecimento, desenvolver suas habilidades linguísticas, promover suas relações sociais, ou transformar-se culturalmente. Não! É porque esta, quando encontra o ser humano, quando o lê, o interpreta, é capaz de desmontar e de reconstruir de tal forma que aquele ser não se reconhece



mais. Ela faz sonhar, enxergar e entender o mundo, viajar para outros mundos, a não viver sem um porquê, ela ensina a viver.

É pela, já tão mencionada, importância da leitura, que o professor, como agente propagador desta, deve estar sempre atento às relações entre ensino literário e leitura literária, para que não seja o causador direto da aversão do aluno pelo ato de ler. Mesmo sabendo que os alunos, em grande parte, não despertaram ainda para o hábito da leitura ou não leem prazerosamente, o professor deve ser a o primeiro a amá-la e torná-la uma prática cotidiana para que sua experiência de leitor colabore para uma percepção positiva do aluno quanto ao ato de ler, como afirma COLOMER (2007, p. 44), “os alunos necessitam ser encorajados por alguém que lhes ajude de forma continuada para que realizem suas próprias descobertas literárias.”

BAMBERGER (1986, p. 74 - 75), em seu livro *Como incentivar o hábito de leitura*, afirma que “está claro que a personalidade do professor e particularmente seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças.” Nessa mesma perspectiva, PINHEIRO (2007, p. 26) em seu livro *Poesia na sala de aula* aponta algumas ações essenciais para o trabalho com a leitura, dentre elas destaca-se a primeira “(...) que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, o que não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa.”

O professor pode despertar nos alunos o mesmo fascínio e a mesma paixão que encontra na leitura, esta que não é um ato reflexo, trata-se de um resultado que requer um trabalho cauteloso, feito diariamente, planejado, avaliado e, sem dúvidas, (re)pensado sempre. Nesse sentido, faz-se quase que obrigatório entender que cantinhos de leitura não constituem o aluno um sujeito leitor, são apenas uma forma de embair e amenizar nossas falhas e deficiências que precisam, urgentemente, ser repensadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando na realidade e em quais seriam as necessidades literárias dos alunos, algumas enquetes foram realizadas em duas turmas de 1º ano do ensino médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Presidente Geisel, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

Em relação à pesquisa de campo, os gráficos abaixo representam uma visão geral das indagações presentes no questionário. Em linhas gerais, 68% dos alunos que responderam a



esse questionário apontaram que gostam de ler, enquanto 6% não leem e 21% leem apenas esporadicamente. Conforme:

Gráfico 1: Enquete de leitura literária



Isso mostra o quão estamos distantes da realidade quando afirmamos que nossos alunos não gostam de ler, eles leem, o que precisamos, na verdade, é saber qual é a literatura que os encanta para que possamos utilizá-la como alicerce para construção de uma ligação efetiva com a leitura literária em de sala de aula.

Quanto aos motivos que os levam a ler, pode-se observar que 62% dos alunos leem por prazer, 27% para aumentar os conhecimentos e apenas 11% deles leem por obrigação. Conforme:

Gráfico 2: Enquete motivação para leitura



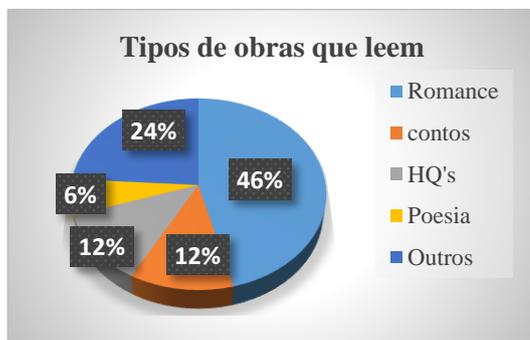
Durante o desenvolvimento da oficinas pode-se observar que alguns desses que diziam ler por obrigação foram motivados a ler por prazer, mostrando como as vivências partilhadas durante o ano contribuiram para o surgimento de novos leitores.

Já no que diz respeito às obras apreciadas, estas são bastante diversificadas, vão de Histórias em quadrinhos (HQ's) a romances de Dostoiévski. Entre os alunos leitores, constata-se que 46% leem romances (clássicos nacionais ou estrangeiros, sagas, policiais, ...), 12% optam



pela leitura de contos, 12% preferem HQ's, 6% gostam de poesia, enquanto 24% preferem outro tipo de leitura (crônicas, livros de autoajuda, Bíblia, ...). Conforme:

Gráfico 3: Enquete de tipo de leitura literária preferida



Visto a diversidade de obras apontadas nas enquetes, pode-se diagnosticar que a dificuldade de fazê-los ler só aparece realmente quando se trata da literatura exigida no currículo o que nos leva a crer que não são necessariamente as obras em si, mas a maneira como são trazidas / impostas a eles.

Ao traçar o perfil de leitor e do tipo de leitura que realizam foi possível selecionar melhor as obras que seriam trabalhadas nas oficinas. Obras como *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll e *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum, que refletiam, para os alunos, suas vivências adolescentes, muitas vezes rejeitados, incompreendidos e que buscam em mundos imaginários uma forma de enfrentar a realidade. Diante disso, é necessário entender que para desenvolver um trabalho com a leitura é importante assimilar que,

Os livros não devem ser considerados como “trabalho escolar”, mas como companheiros. Não se deve fazer tentativa alguma para “esgotar” um livro, ao discuti-lo. Os próprios estudantes precisam descobrir o que um livro tem para dizer-lhes a respeito de sua vida, de seus problemas e de suas perguntas. As discussões acerca de livros devem conduzir também ao auto reconhecimento, e o papel do professor aqui não é o de instrutor nem o de examinador, mas o de uma pessoa para a qual os livros são importantes, que não somente quer que os alunos lhe falem sobre suas experiências com livros, mas também relata, de vez em quando, o que os livros lhe deram. (BAMBERGER, 1986, p.70)

O trabalho foi realizado em 2019, promovendo estratégias de dinâmicas de leitura que aconteciam sempre no intervalo de leitura das obras (podendo este ser a pausa entre um capítulo e outro ou entre blocos de capítulos), o que evitava o esgotamento do livro e favorecia o gosto deles pela leitura do mesmo, porque mantinha a leitura da turma uniforme já que todos da sala podiam compartilhar suas experiências com o livro. É uma ótima forma de ajudá-los a



construírem uma opinião mais autônoma do que estavam lendo e proporciona a formação de leitores críticos, conscientes e independentes, considerando diferentes contextos educacionais de uma sociedade que pouco contribui para a formação de sujeitos leitores.

Pensando na realidade desses alunos, foram desenvolvidas ações que instigassem os mesmos para o mundo da leitura, promovendo a aquisição de laços afetivos e efetivos com o universo do texto literário. As atividades desenvolvidas durante os dois semestres de 2019, sendo um semestre para a apreciação de cada obra, não se limitou apenas à leitura dos livros em questão, mas envolveu todo um trabalho que buscava em outras disciplinas como Arte, Formação Cidadã e História os subsídios necessários para mostrar que a leitura não pode nem deve ser trabalhada apenas em Língua Portuguesa. A realização da leitura dessas literaturas e de todos os textos de apoio, por meio de cronograma de leitura, bem como a socialização por meio de oficinas e apresentação das histórias através de diferentes estratégias propostas pelos próprios alunos, que se tornaram protagonistas do projeto, fez com que esta prática servisse de requisito tanto para as aulas de Literatura, desenvolvendo a criticidade, como para as aulas de Formação Cidadã, que consistem em uma forma de moldar os alunos para que sejam éticos e ajam de forma moral e para a disciplina de Artes, na qual foi inegável o desenvolvimento da criatividade dos alunos durante a realização do projeto por meio das diversas apresentações.

A leitura de cada obra aconteceu no período de quatro meses, quando, ao final, foi realizada uma apresentação do livro. É um período longo dado o tamanho das obras trabalhadas, mas é preciso lembrar que era destinado ao projeto apenas um momento semanal, pois tínhamos uma grade de conteúdos a cumprir. Cada momento reservado à leitura, acompanhamento desta e de discussão das obras, acontecia nos dias em que as aulas eram geminadas. Para cada encontro era preparada uma oficina, ou por mim ou pelos alunos, sob a minha supervisão. Cada oficina contava com, além do paradidático, outros instrumentos de apoio como:

- ✚ Jogos confeccionados pela professora ou pelos alunos (Inspeção literária; paródias interrompidas; jogo do cara a cara com os personagens; dominó literário; histórias em quadrinhos; quebra-cabeças literário);
- ✚ Aparelho de som, instrumentos musicais (violão, flauta, teclado);
- ✚ Textos de apoio (crônicas, contos, artigos, notícias que podiam ser, de alguma forma, relacionados com as obras trabalhadas).

Cada oficina de duas aulas (cem minutos) era dividida em momentos: um inicial (15 a 25 minutos) que consistia numa conversa informal sobre a leitura da obra que estava sendo trabalhada, as ideias que os alunos tinham para as apresentações ou jogos literários; outro de 25



para a realização da leitura seguido de outros 25 minutos para os comentários e 25 para o jogo literário da vez. Este jogo consistia em uma maneira lúdica e dinâmica, proposta pelos próprios alunos, para averiguar o quanto estavam progredindo na leitura e se estavam todos, ou pelo menos a maioria, no mesmo ritmo.

No dia em que ocorria a participação de algum professor, distribuía-se o tempo de forma diferente. Os minutos iniciais se dedicavam a conversa literária da qual o professor convidado participava, este não era propriamente de Língua Portuguesa, já que alguns professores de História, Filosofia, Arte, Formação Cidadã ou até mesmo de Biologia ou Matemática também se dispuseram a participar das oficinas. Estes tinham 30 minutos para expor sua perspectiva da obra de acordo com a disciplina da qual era regente, como uma abordagem sobre os enigmas numéricos em *Alice no país das Maravilhas* ou a filosofia implícita em *O mágico de Oz*, essa fala poderia ser ou não intercalada por questionamentos dos alunos, seguido de 30 minutos para um debate sobre os temas suscitados e finalizando com o jogo literário que, nesses dias, tinha um tempo reduzido para 15 minutos.

Não foram impostos aos alunos critérios avaliativos, com o intuito de não tornar os momentos de discussão e socialização da leitura das obras algo artificial, monótono e obrigatório. Os próprios alunos procuravam, de forma independente, maneiras de acompanhar a leitura do grupo e de ao mesmo tempo se auto avaliarem, por mais que a figura do professor estivesse sempre presente, acompanhando de perto e verificando as dificuldades que eles apresentavam nos intervalos ou contra turnos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é essencial para o ser humano, seja na construção do seu conhecimento, na formação de uma consciência crítica, no aprimoramento das competências e habilidades linguísticas ou atuando como agente transformador do indivíduo enquanto ser social. É por este motivo que, neste trabalho, ressaltamos sua importância, bem como a relevância do papel do professor diante da formação de alunos leitores.

A proposta aqui apresentada consiste em um exemplo prático do trabalho com a leitura literária em sala de aula. E como uma forma de incentivar o ato de ler entre jovens e entre professores, estes que devem ser os primeiros propagadores da leitura.

Nesse contexto, é importante perceber que a sala de aula passa a ser a variedade de sujeitos, de objetos de leitura, de práticas sociais e de gostos literários variados. Destacamos



também a função humanizadora que tem a literatura, por isso, entendemos que a leitura literária deve estar presente efetivamente no contexto escolar, posto que contribui para o aluno construir a sua própria humanidade.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática / UNESCO, 1986.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** – 51. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** – 3 ed. – Campina Grande: Bagagem, 2007.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** – 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.